



ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA
• NATAL DE 1923 •

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SÉCULO»

Redacção, administração e oficinas
RUA DO SÉCULO, 44 — LISBOA

Numero avulso, 1\$00 (um escudo)

Propriedade da «SOCIÉDADÉ NACIONAL
DE TIPOGRAPHIA»

Editor — ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHA-ADJACENTE E HES-
PANHA: Trimestre 13\$00, semest. 26\$00
Ano 52\$00 — COLONIAS PORTUGUEZAS:
semestre 28\$50, Ano 57\$00. — ESTRAN-
GEIRO: semestre 36\$00, Ano 72\$00.

Bordados e Mobílias
DA ILHA DA MADEIRA
PEROLA DO ATLANTICO
Rua do Loreto, 67

A'S MÃES QUE CUIDAM da saúde dos
seus filhos aconselhamos a
Farinha Lactea Cister, unico alimen-
to completo e q' e, pelo seu es-
merado fabrico aliado a modicidade
do seu preço, rivalisa com as es-
trangeiras. A' venda em todas as
mercearias, farmacias e drogarias.
Pedir amostras aos depositarios:

BORGES MARQUES & C. Lda

R. ARCO BANDEIRA, 159

Maquinas d' escrever
NOVAS E USADAS

Reparações e reconstruções ga-
rantidas — Acessórios
J. Anão & C., Ltd. R. Figueiros,
376, 2. — Tel. 3536 N.

AGUA, CREME E PÓ D'ARROZ

RAINHA DA HUNGRIA

Para a beleza da pele, dando-lhe um aveludado e uma frescura incomparáveis. As senhoras
que o usam tem uma pele ideal

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Avenida 23

LISBOA

Telef. 3641-N

Resposta mediante estampilha. Na provincia de Moçambique quem pretender os productos
de Madame Campos dirigir-se ha a

«A PORTUGUEZA» de Santos Rufino Limitada, Lourenço Marques

DOENÇAS

De estômago, baço, fígado e intestinos; artríticas
nervosas e mentais; de ovários e útero e
rins descaídos; por mais graves e antigas que se-
jam, **responsabilizo-me da sua cura**, evi-
tando as operações, por meio dos meus especiais
tratamentos **naturico-magnetoelétrico**,
os, com a **completa** exclusão de medicamentos
ou drogas

Dr. Indiveri Colucci

Rua João Gonçalves, 20, 2.º Esq.

Esquina Avenida Almirante Reis ao Intendente
TELEFONE. 2.733-N

M. DE VIRGINIA

ARTOMANTE-VIDENTE



Tudo escurece no
passado e presente e
prediz o futuro.
**Garantia a todos os
meus clientes:** com-
pleta veracidade na
consulta ou reem-
bolso do dinheiro.
Consultas todos os
dias uteis das 2
horas e por corres-
pondencia. Enviar
1\$00 para resposta da
carta
**Calçada da Patriar-
cal, n.º 2, 1.º Esq.,**
(fimo da rua da Ale-
gria, predio esquina).

E agora a melhor época para plantar
ARVORES DE FRUTO
ARVOREDOS-ROSEIRAS

CATÁLOGO GRATIS

Alfredo Moreira da Silva & Filhos
Rua do Triunfo, 5, — PORTO

Livros antigos e modernos
COMPRA E VENDE
Livraria Peninsular
JOSE' DA SILVA OLIVEIRA
79, Rua Poço dos Negros, 79
LISBOA — PORTUGAL

Fornecedores dos Restaurantes
da Companhia dos Wagens-Ilts

ARMAZEM DE VIVERES

JOSE DE PINHO COSTA & C.ª (Lda), Ltd.ª
60, RUA DA BITESGA, 73
(Primeiro quarteirão vindo da Rua Augusta)
Especialidade em pastéis de Belem
e doces de Cascaes
LISBOA Telephone C. 2861

TRABALHOS TIPOGRAFICOS
— EM TODOS OS GENEROS —

Fazem-se nas oficinas da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
Rua do Seculo, 49 — LISBOA

Banco Industrial Português

Séde em Lisboa: RUA AUGUSTA, 114

Esquina da Rua de S. Nicolau, 50 a 64, e Rua dos Correeiros, 49 a 59

Capital autorizado 50:000.000\$00

Capital realisado 10:000.000\$00

Operações: Descontos. Transferencias. Compra e venda de cambiaes. Cartas de credito sobre o paiz e estrangeiro. Depositos á ordem e a praso. Guarda de titulos. Aluguer de cofres fortes (Casa Fichet, Paris)

FILIAES: Porto, Coimbra, Santarem, Viana do Castelo, Caldas da Rainha, Faro e Ponta Delgada

Correspondentes nas principaes terras do paiz e nas do estrangeiro

COMPANHIA

DOS

Tabacos de Portugal

SOCIEDADE ANONIMA

DE

RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL

9:000.000\$00

Avenida da Liberdade, 12-1.º

Banco Nacional Ultramarino

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Séde—LISBOA—Rua do Comercio

Agencia—LISBOA—Caes do Sodré

Capital Social Capital realisado Reservas

E.L. 49:001.00\$00 Est. 24:000.00\$00 E.L. 30:200.000\$00

Filiaes no Continente—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real, Traz-os-Montes e Vizeu.

Filiaes nas Ilhas—Funchal, (Madeira) Angra do Heroismo e Ponta Delgada (Açores).

Filiaes nas Colonias—(Africa Occidental)—S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga), S. Tomé Principe, Cabinda, Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango. (Africa Oriental): Beira, L. Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo. **India**—Nova Gôa, Mormugão, Bombaim—(India Inglesa. **China**—Macau. **Timor**—Dilly

Filiaes no Brasil—Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, O. Para e Manaus. **Filiaes na Europa**—Londres, 9 Bishopsgate e Paris—8 Rue du Heide. **Filiaes nos Estados-Unidos**—New-York, 93 Libert Street.

Operações bancarias de toda a especie no Continente, ilhas adjacentes, Colonias, Brasil e restantes paizes estrangeiros



Edifício-sede da Caixa Geral de Depósitos, em Lisboa

CAIXA GERAL DE DEPOSITOS

mente melhorados nestes ultimos quatro anos, vamos dar alguns algarismos, que teem uma particular eloquencia.

O volume de depositos obrigatorios, aliás importante, não é aquele que merecerá a nossa atenção. E' o resultado da execução da lei e, portanto, tem uma significação restricta.

Outro tanto não succede com os depositos voluntarios, que traduzem a confiança publica nesta instituição. Depois, sob diferentes rubricas, citam-se outros algarismos, que são os indicadores daquela confiança, em vista da conclusão, que de taes numeros se tiram.

Os depositos voluntarios desde 1909-10 vão, sucessivamente, desde 9.434.986\$16(8) até 254.475.299\$50 em 1922-23.

Os depositos obrigatorios passaram, nos mesmos periodos, de 8.911.543\$01(5) até 96.091.234\$20.

Em resultado das operações effectuadas, de que damos adeante umas ligeiras indicações, os Lucros totaes da gerencia foram de 942.622\$74(8) em 1909-10 e de 26.937.523\$31 em 1922-23; os Lu-

cos liquidos, nos mesmos periodos, foram, respectivamente, de 450.038\$99(5) e de 15.741.787\$27.

A participação do Estado nos lucros da Caixa Geral de Depósitos, que, apenas desde 1910, começou a receber essa participação, foram, respectivamente, de 360.031\$19(6) desde 1909-10 e de 12.593.429\$81 em 1922-23.

O Fundo de reserva, que, em 1909-10, era de 1.079.205\$20,5, é de 10.651.154\$21 nos anos de 1922-1923.

Assim, o Estado, desde 1910 até 1923 recebeu, da Caixa Geral de Depósitos, a importancia de Esc. 25.124.152\$37(6), subindo o Fundo de reserva da Caixa, que é o mesmo Estado, a importancia de Escudos 25.622.206\$05(5).

Resultam estes numeros do movimento de emprestimos a entidades publicas e particulares, que eram do valor de 8.217.938\$54(8) em 1909-10 e de 154.030.292\$25 em 1922-23, fazendo um total, desde aquele primeiro periodo ao ultimo, de Esc. 374.049.904\$10(8).

As operações com particulares são, principalmente, os emprestimos a industriais, aos construtores de predios urbanos, aos agricultores, etc. etc.



Filial de Beja, edificio expressamente consiruido pela Secção de Obras e Edifícios da Caixa Geral de Depósitos

ENTRE as varias instituições de credito do Paiz inteiro, uma ha que se tem destacado, mercê do seu constante e progressivo desenvolvimento e que hoje desempenha um importantissimo papel na economia do Paiz: a Caixa Geral de Depósitos.

Herdeira direita da velha Arca dos Orfãos é, naturalmente, uma instituição tão antiga como o proprio Estado. Mas, as suas funções, limitadissimas, de começo, foram-se alargando até atingirem o desenvolvimento que hoje accusam. Os seus progressos, porém, acentuaram-se com a implantação do regimen republicano e, especialmente, desde que, em 1918, lhe foi concedida a autonomia.

Numa instituição de credito nada traduz melhor que os numeros o seu estado de prosperidade. Por isso, fazendo apenas ligeira alusão aos diversos serviços que teem sido constante-



Filial da Caixa Geral de Depósitos, de Braga



Filial da Caixa Geral de Depósitos, de Aveiro

A estas acrescentaremos ainda as transferencias, que teem prestado importantissimos serviços ao comercio.

E' um pouco arida esta exposição, certamente; mas, melhor do que ela, nem o estilo mais elegante e florido seria mais precioso e claro.

Hoje, a Caixa Geral de Depósitos tem Filiaes em todas as sédes de distrito, Agencias em muitos dos concelhos e Delegações em todos os restantes concelhos do Paiz.

De ano para ano a sua situação, apesar das sucessivas crises por que tem passado o Paiz, prospera a passos agigantados, fortificando os seus creditos graças á confiança que tem sabido inspirar ao publico portuguez.

As suas operações desenvolvem-se pelo Paiz fóra e desde as mais reconditas aldeias ás capitais é a Caixa Geral de Depósitos que melhor tem sabido corresponder ás necessidades do publico.

COMPANHIA DE SEGUROS DE VIDA, TERRESTRES E MARITIMOS "GARANTIA"

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
— FUNDADA EM 1853 —

Séde no seu edificio, na Rua Ferreira Borges, 37-PORTO

ESC. 10:239.600\$31

SINISTROS PAGOS ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 1922

Reservas em 31 de Dezembro de 1922, esc. 1.598.667\$09

Todas as combinações de seguros sobre a vida humana e os interesses e vantajosos seguros

— FAMILIAR —

(Seguro de capital e pensão)

— DOTAL —

Dotes para creança com dispensa dos premios por morte do subscritor

Prestam todos esclarecimentos os agentes gerais em Lisboa:

JOSE HENRIQUES TOTTA, LD.^a (Banqueiros)

RUA DO OURO, 69 a 73

BORGES & IRMÃO

BANQUEIROS

LISBOA

PORTO

L. de S. Julião R. do Bonjardim

RIO DE JANEIRO

Rua d'Alfandega

Efectuam todas as

operações bancarias

TELEFONES { 558 CENTRAL
237 CENTRAL

Corrêa Leite, Santos, & C.^a

BANQUEIROS

Compra e venda de cambiais,
cartas de crédito, coupons,
moedas e todas as operações
bancarias

*correspondentes no Paiz e
Estrangeiro*

53--Rua Augusta--59

101--Rua da Conceição--107

— LISBOA —

“Todos os



“Sports”

QUE vergonha!... é a frase que se ouve de boca em boca.

Que vergonha!... é o dito que nos assalta ao entrarmos num café ou ao passarmos, simplesmente, numa das ruas da baixa.

Que vergonha!... são as palavras com que a maioria dos criticos desportivos traduziu a sua opinião sobre o resultado do III Portugal-Espanha.

Embora nos custe, havemos de confessar, que a incoerência nas opiniões de *alguns* destes ultimos é manifesta.

Jornais houve, que prognosticaram uma derrota *de verdade*, infligida aos espanhóis pela linha portugueza—quer com as ultteriores modificações feitas em Espanha, quer sem elas, que isso, para nós, pouca importância teve.

Alguns desses jornaes—e aqui está bem nitida a incoerência das suas afirmações—uma vez conhecido o resultado do encontro, não hesitaram em descarregar toda a culpa do sucedido sobre a linha, cuja constituição, tinham, plenamente aprovado até na manhã do proprio dia 16.

Bem sabemos nós, que a isto tudo, nos opõem esses senhores as modificações feitas á ultima hora, pode dizer-se mesmo á entrada do campo Reina Victoria, mas, é fraca a desculpa, ou melhor, fraquissima.

Foi a *Ilustração Portuguesa*—sem que d'algum modo queiramos armar em... profeta na sua terra—quem sósinha, ao que nos parece, não manifestou grande confiança na linha, bem entendido quasi exclusivamente na frente de ataque e, comtudo, é agora a *Ilustração Portuguesa*, que vem procurar mostrar a pouca responsabilidade, que, no fracasso da tarde de 16, tiveram esses cinco homens, postos, ao acaso, á frente de uma *equipe* nacional, como dados deitados dum copo para cima duma mesa.

No ultimo numero da *Ilustração*, saído na vespera do encontro, disseram nós;

...Não é que quelhomos esmorecer a esperança que anima, neste momento, todo o meio desportivo portuguez, mas, uma victoria em Sevilha seria qual-quer coisa de colossal, de estupendo, como dizem nuestros hermanos, e, como tal não nos devemos entusiasmar, em demasia, ambicionando uma victoria esmagadora.

Do que nós devemos estar certos é que a seleção portugueza ha-de saber representar-nos, condignamente, levantando tão alto quanto lhe seja possível o nome de Portugal...

Não nos arrependemos do que então escrevemos, O *onze* nacional não poudes fazer mais do que fez e que, no nosso entender, foi bastante.

Estamos convencidos, que desnecessario quasi se torna explicar a razão porque uma semana antes do encontro já nós tinhamos a ideia da derrota, mas, para que tudo fique bem assente, afirmamos, mais uma vez, que ela se baseou na constituição da linha de ataque.

Fomos dos primeiros—senão mesmo os primeiros—a lembrar a conveniencia da entrada nesta linha de Jesus Crespo, mas, com que fim? Não é difficil calcular: sómente para que o jogo da aza esquerda, na qual havia um belo nome, Alberto Augusto, podesse ainda ser reforçado, pois como se sabe estes dois jogadores são dos que melhor combinam, devido á longa prática que em anos seguidos de jogos tem adquirido, conhecendo-se bem mutuamente.

Mas, de que serviu essa modificação se collocaram Alberto Augusto a jogar na aza direita?

A constituição desta ultima tambem, como todos nós sabemos, sofreu do mesmo mal, ausencia completa de coesão.

Alegam uns que João Francisco fez falta, concordamos plenamente.

Mas porque razão não foi Jaime Gonçalves o escolhido para meia direita, tanto mais, que se João Francisco jogasse—como se pensava na altura da partida—com certeza se entenderiam em campo.

A isto só temos a acrescentar, que um dos nossos colegas do jornalismo desportivo, declaron que *Zamora* exultou ao saber que não ia Jaime.

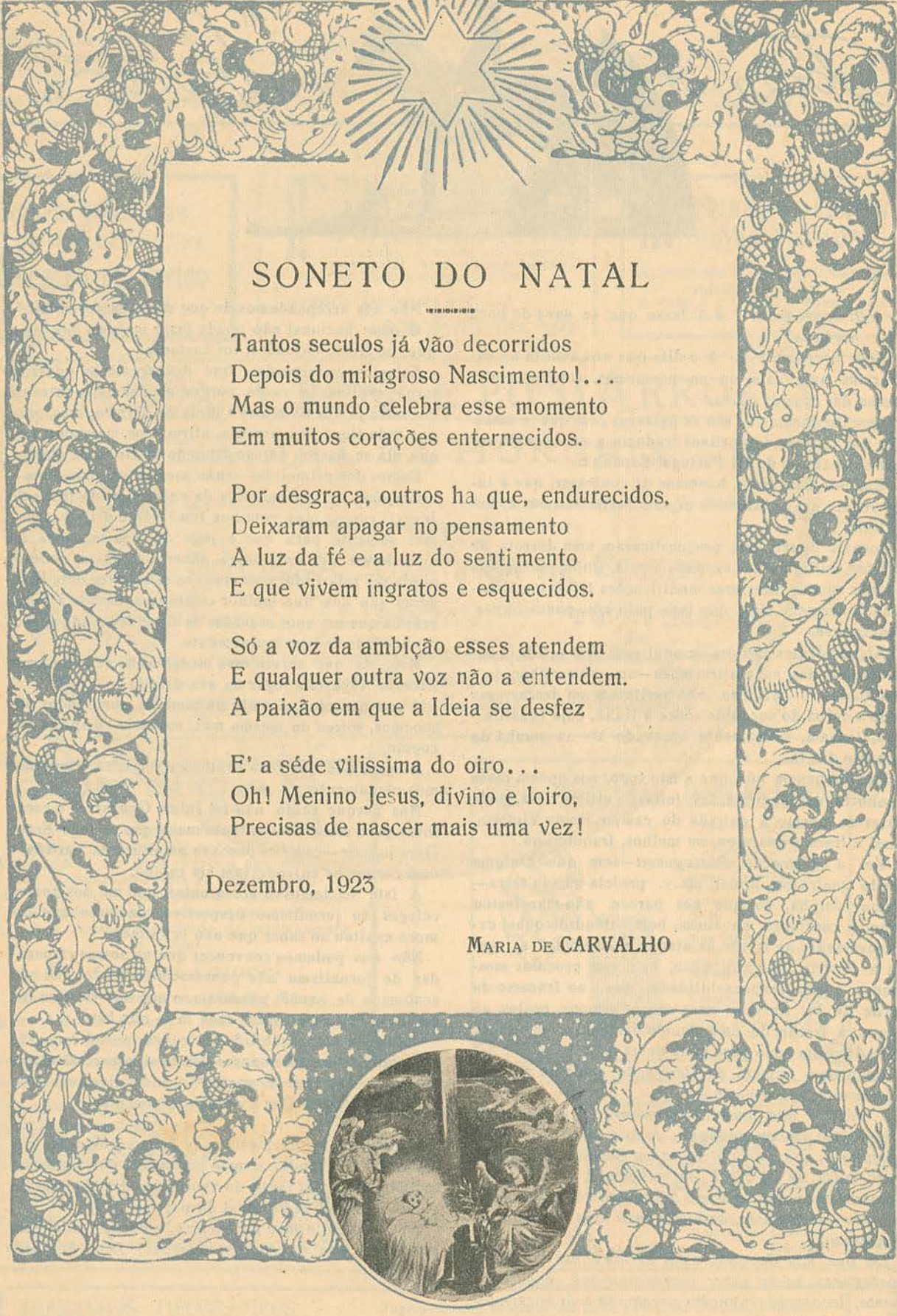
Não nos podemos convencer que os nossos camaradas de jornalismo não pensassem tudo isto, que nós acabamos de expôr; pensaram, o que não tiveram foi coragem de o dizer, Deus sabe lá se *por bem!*...

Todas as responsabilidades cabem pois á comissão ou comissões seleccionadoras, tendo sido preferivel que em lugar do: *Que vergonha!*... todos tivessem dito: *Que disparate!* *Que tremendo disparate!*...

E como bons desportistas e bons portuguezes não deixamos de saudar o *onze* portuguez, que em terras de Espanha, na tarde do aborrecido dia 16, lutaram pelo bom nome de Portugal desportivo.

Pelo esforço do *onze* portuguez e, especialmente, pela heroica defeza da *equipe* nacional: *Hip, hip, hip, hurrah!*

D. C.



SONETO DO NATAL

Tantos seculos já vão decorridos
Depois do milagroso Nascimento!...
Mas o mundo celebra esse momento
Em muitos corações enternecidos.

Por desgraça, outros ha que, endurecidos,
Deixaram apagar no pensamento
A luz da fé e a luz do sentimento
E que vivem ingratos e esquecidos.

Só a voz da ambição esses atendem
E qualquer outra voz não a entendem.
A paixão em que a Ideia se desfez

E' a séde vilissima do oiro...
Oh! Menino Jesus, divino e loiro,
Precisas de nascer mais uma vez!

Dezembro, 1923

MARIA DE CARVALHO

A ESTÉTICA DA EGREJA

Não fôra Jehovah o Deus bondoso,
a quem seu povo tributasse amor,
mas outro só temido e poderoso,
governando Israel pelo terror.

E mesmo na olímpica figura,
como Moisés a vira no Sinai,
revelava dureza e não brandura,
ou que era mais tirano do que pai.

Dal'i nova, porém, vieram duas
das maior's santidades a adorar,
mas tal magia e graça são as suas,
que se deleita o crente em as fitar.

Uma é a formosa virgem mãe,
e outra o s'u filho em pequenino,
a todo: agradando aquela bem,
e ás mulher's e crianças o menino.

Se com semblante lôrvo e carregado,
esse Deus de Abrahão se figurava
no seu celeste sólio assentado,
e de onde sem piedade castigava;

Com acêrto a Igreja, a grande artista
pois que á fé aproveita a poesia,
perante os nossos olhos põe á vista
a meiga e doce imagem de Maria.

E a de Jesus também para agra'ar,
antes de p'los torm ntos compungir,
a representa bela n'um a tar
na infancia sem cuidados a sorrir.

VISCONDE DE CARNAXIDE



O Lar

Natal! Natal! Festa das crianças e da fé ingenua e pura; festa do Lar e da família; festa da saudade e da esperança, festa da árvore e do sapatinho, eu te saúdo!

Natal bemdito, jámais chegaste, jámais chegarás sem trazer um raio de luz ao meu olhar, um sorriso alegre aos meus lábios.

O teu nome sonoro caem no ouvido como um alegre repicar de sino; as tuas sílabas evocadoras erguem diante do meu espírito a linda árvore de Natal que tem acompanhado toda a minha vida.

Dizem que só as crianças são dedicados o sapatinho e a árvore tradicionais. Engano! Todos nós podemos ter a nossa árvore e o nosso sapatinho.

Ergamos no dia de Natal uma árvore feita das nossas esperanças, iluminemo-la com a luz das afeições que Deus nos deu, enfeitemo-la com a recordação das horas que não desejamos esquecer e sentir-nos-hemos consolados e prontos a afrontar de novo a vida.

E o sapato! Qual de nós não põe um sapato, formado de desejos, na lareira da Esperança, — aguardando que o Menino Jesus o venha encher de todos esses dons por que aspiramos!

A prece que me s e do coração é que o meu fique bem cheio de sonhos, de muitos sonhos, porque o sonho é a Felicidade.

E, a vós todos que me ledes, desejo que a vossa árvore de Natal esteja tão carregada de alegria e ilusões que vos esqueças que a Tristeza existe, e o vosso sapatinho, tão cheio de Sonho, que a angustiosa Realidade não se atreva a aproximar de vós.

TELEGRAFIA SEM FIOS AO MENINO JESUS

Menino Jesus, dá-me um marido.

Menino Jesus, dá-me uma gramática.

A menina solteira

O novo-rico

Menino Jesus, dá-me um editor.

Menino Jesus, dá-me automoveis, peles, joias e nada de trabalho.

O poeta

O operario

Menino Jesus, dá-me talento.

Menino Jesus, dá-me rouge para os lábios.

A senhora literata

A menina elegante

Menino Jesus, guarda-me as costas.

Menino Jesus, dae-nos juizo a todos.

O politico

A Nação

SONHO DE NATAL

Batem-se as claras de 4 ovos com 250 gramas de assucar até ficarem em castelo, junta-se a casca ralada e o sumo de um limão e um calice de vinho branco. Deita-se parte da espuma no fundo de uma travessa de vidro. Cortam-se três pãesinhos finos as fatias e dispõem-se de maneira a dar o aspecto de degraus irregulares. Sobre cada fatia coloca-se um montinho dos doces que se desejarem, taes como batata, pera, maçã... Cobre-se tudo com o resto da clara batida, guarnecendo com tiras de banana, maçã e frutas cristalizadas.

CALENDARIO DA SEMANA

Dezembro—31 dias

- 23 — Domingo — Santa Vitoria.
- 24 — Segunda-feira — S. Gregorio.
- 25 — Terça-feira — Nascimento de Nosso Senhor.
- 26 — Quarta-feira — S. Estevão.
- 27 — Quinta-feira — S. João Evangelista.
- 28 — Sexta-feira — Os SS. Inocentes.
- 29 — Sabado — S. Leonio.

PENSAMENTOS

Quem deixou de amar nunca amou.

A certeza de entrar no céu permite cometer, na terra, algumas iniquidades.

Charles Maurras

MENÚS DA SEMANA

Domingo

Almoço

Bacalhau ensopado
Rabos de vaca á flochepot
Cacau

Jantar

Canja de coelho
Lulas de caldeirada
Coelho passado por manieira e salada de chicória
Frituras da China

Segunda-feira

Almoço

Salmonete grelhado
Galinha com macas
Café com leite

Jantar

Sopa de aletria
Peixe assado
Lombo de vaca á italiana
Pudim de leite

Terça-feira

Réveillon

Canja de peru
Galinha de galinha
Cabeça de porco á Achar
Frituras de camarão
Croquetes de carne e gatinha
Leitão assado
Bróas de ovos
Lampreia
Bolos secos e de ovos
Vinhos Colares, Ruellas, Sauterne, Madeira, Porto e Champagne
Café, chá, chocolate

Almoço

Arroz com castanhas cozidas
Capão assado guarnecido de batatas á provençal
Chocolate e bolachas

Jantar

Sopa de ovos
Linguado cozido com molho de ostras
Pato assado com recheio de purê de maçãs
Pudim de ovos

Quarta-feira

Almoço

Rim grelhado
Carnes frias com salada
Café ou chá

Jantar

Sopa de grão com espinafres
Eiró coa'da
Dobrada de fricassé
Farofas

Quinta-feira

Almoço

Bifes de cebolada
Açorda á espanhola
Cacau

Jantar

Sopa de peixe
Filetes com pão torrado
Galinha cozida
Bolo de passas

Sexta-feira

Almoço

Sardas frescas grelhadas
Coelho á madeirense
Café com leite

Jantar

Purê de fava seca
Croquetes com batatas fritas
Frango na caçarola
Fritas de ovos

Sabado

Almoço

Presunto á Groubley
Costeletas de carneiro
Café ou chá

Jantar

Sopa á Aumale
Linguados á provençal
Carne com molho de farinha e salada de agriões
Pudim de coco



Berceuse da Virgem

Letra de GRANDMOUGIN

Musica de FRANCIS THOMÉ



Dor-me Dor-----me Dorme meu amor

na paz do senhor Dorme meu amor na paz do se---nhor Dor---

-----me O amor que te-nho a-ben--ço-a-do se-----

---já mil ve-zes fi-lho meu Bij-re meu fi-lho és a--do--ra--do És

por que fi-lho do Céu Dorme meu amor na paz do senhor Dorme

meu amor na paz do se---nhor Dor---me

NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO

ENTARDECIA. Como b-llho do sol desaparecera a iluminação igual amegava a paisagem. Os últimos souts de castanheiros transmontanos, pareciam nodos de relva nas encostas dos montes. A escuridade cahia lentamente sobre os povoaos, como um tenue orvalho. A fisionomia das terras, em especial dos arvoredos, principiava a ser miuota. A carruagem, havia mais d'uma hora, que rodava por uma estrada em declive. Dsse-me o cocheiro, que algumas casas e uma egreja, que se viam aglomeradas no valle, na margem direita do Tamega, formavam a povoação de Ribeira de Pena. Montanhas severas e apocalipticas emolduravam este bocadinho de campo, no qual eu p'ncipiava a reconhecer a minha paisagem querida.

Vinha só e sentia-me triste sem motivo. O continuado e monotonu barulho da carruagem, o assobio dolente e vago do cocheiro, a amotcedora luz do crepusculo infiltrando-se por entre as pedras, das encostas, os renques d'arvoredos do vale tinham-me lançado num estado de inconsciente melancolia. Já cansado da jornada, ainda me faltavam muitas horas para chegar ao Arco, lugar onde ficaria essa noite. Num estado intermedio ao somno e á vigília, as idelas p'passavam-me no cerebro, umas vezes, como nuvens transparentes e macias recordando momentos de agradável convivência; outras vezes, encasteladas e escuras, como são as idelas proprias d'aquelles que vão perdendo o con ente palpitante da mocidade. Oh! minha encantadora e modesta infancia, eu que sou um dos homens que mais tem rido, diz-me tu se já algum dia fui alegre, despreocupadamente alegre!

A' ponta da noite, no momento em que, á luz indecisa, os objectos tem a quírido um estumalio que os avoluma, a carruagem parou á porta d'uma taberna para se desaguar os cavalos. Os meus nervos eram chamados á realidade, com certa precisão. Num banco de pedra desses toscos e muito usuas que se encontram junto das habitações dos camponeses miuotos, estava sentado um velhinho magro, tendo ao lado um saquinho enfiado num pau e uma pequena almofada d'azete presa á cintura por uma correia. O seu rosto sumido era gracioso e terno como o duma creança; o sorriso natural, que lhe ressaltava da expressão, parecia sair dum berço.

Havia o quer que fosse inconsciente e ete-

reo, de amavel e bondoso, no rosto d'esse pobresinho. All ninguem o conhecia; mas ele olhava para todos com uma attenção familiar e intima. Um po co atrevido roçava-se-lhe pelas calças, roçava-lhe junto á cara e ele afastava-o com a humildade e carinho, dizendo-lhe até palavras de conselho. Parcia que o seus nervos delle dos se incomodavam com aquele grunhir insolente; mas nem por isso se mostrava menos attencioso, pa a com o bruto. Falava a todos tão suave e bradamente que a sua voz semelhava um murmuro e uma consolação á cabeceira d'um enfermo. O seu olhar, d'uma tranquillidade de justo, prolongava-se pelo espaço infinito, quando olhava para o ceu. Os cabelos brancos, enquadrando-lhe o rosto pacifico, eram limpos, finos e fluctuantes como flocos de nuvem, tinham a transparencia do nubo dos santos. Tocou-me aquella bondade, aquelle ar compadecido e ativo. Pareceu-me um pedinte olhei-o com attenção antes de o interrogar. Ele sorria-se para mim, com a expressão d'uma pessoa que conversa junto d'uma lareira aldeã, quando a fogueira crepita e o vento ulva victoriosamente sobre o telhado. Sent a-me atraído para ele e então perguntel-lhe m smo de dentro da carruagem:

— Vocemecê vem de longe?

Parcera-me que sim. Os pés tinha-os dori los talvez d'uma longa caminhada. Estava all a se encostar. A dona d' taberna disse que o não conhecia e que não era das reondezas. O velhito, como eu lhe falei, levant u-se sorrindo e aproximou-se. E nu tom de misterio, para que mais ninguém o ouvisse, segredou-me:

— Se venho de longe! De muito longe. Nem eu mesmo o sei.

Pareceu-me um sofrimento resignado e tive piedade. Não sabia d'onde vinha, estava alquebrado pelo cansaço e não encarecia as suas

dores para me pedir esmola. Conheci-lhe pela expressão dolorida do semblante, quando pôs os pés no chão para me vir falar, que andára muitas leguas a pé. Talvez fosse para ir ver uma filha enferma... para exprimir algum grande afecto que lhe restasse no coração. Tantas terras percorrera, que até a sua memória enfraquecida pela idade não retivera os nomes. Ter-se-hia perdido pelo caminho?...

Então insisti com modos de incredulo:

— Essa é bala! Então não sabe d'onde vem? Olhou-me com ar se-



reno e firme como de quem tinha dito uma coisa perfeitamente exacta.

— Não senhor. Ninguém sabe!... — segredou-me com extrema reserva.

E acrescentou sorrindo inteligentemente:

— A mim ninguém me conhece; mas eu conheço todo o mundo. Bem sei quem o senhor é... É o senhor conde. Ah! cuidava que não sabia!...

No rosto do pobresito appareceu uma aurora de triumpho. Para lh'a sustentar perguntou-lhe muito baixo.

— Mas como advinhou?

Quem f i que lh'o disse?

A enormidade do seu poder reconheci-a no desdem superior com que me olhou. Continha lá dentro infinitos tesouros de sabedoria e prespicacia, á qual não resistiam os insondáveis mysterios do amplo ceu. Quem era eu, um miserico conde, diante daquele omnipotente que considerava o globo terraqueo como uma insignificante bolhinha de pão?! Na minha tristeza e confusão devia-se reconhecer que o comprehendí; pois que o velhinho, para me consolar acrescentou:

— Eu sei tudo, advinho tudo. Se não digo d'onde venho é porque ando por todo o mundo. Agora ahi vou eu para Hespanha ver se compoñho aquillo e se acabo com todas essas questões que por lá ha. Levo aqui — designou o saquinho — os papeis e livros necessarios para lhes dar a luz a todos.

Entristecem-me ver tamanho valor e convicção reunidos num corpo assim fragil. Pedi-lhe com interesse e bons modos que me deixasse examinar os seus tesouros. Aceitou da melhor vontade abrindo o primeiro sacco de estopa, dentro do qual estava outro de pano preto, contendo ainda um de chita de ram gem. O cothel-o e a do-a da t berna aproximaram-se ironicamente pa a disfrutarem o velho; mas ele, com um verdadeiro olhar attivo e nobre, fastou-os significando, que taes segredos não eram para espir to-s grosselros e motejadores. A meu pedi o os ind secretos retiraram-se e por fim o pobresito mostrou-me, envolvidos em farrapos e bem lixados com cordéis e fitas de cores, tres a farrabios antigos em lingua espanhola e algumas folhas manuscritas, duma letra amarela e inintelligivel. Pelo meio havia folhas secas de casta heiro, algumas flores mirradas e pequeninos ramos de alecrim. Examinei com escrupulosa attenção estas preciosas e es. encarecendo-lhas. Ele segula todos os meus gestos e movim-ntos faciaes com olhar sagaz e aspecto orgulhoso. Quando lhe entreguei as suas preciosas reliquias encarecendo-lhas ele concluiu:

— Já o senhor conde vê que não é ninguém ao pé de mim.

— Oh! de certo!...

E depois que ele já tinha guardado os seus livros e papeis inestimaveis perguntou-lhe:

— Mas como vem de muito longe deve trazer

fome. Quer que lhe dê alguma coisa?

— Sem attivez respondeu:

— E' da lei aceitar sempre a esmola. Fome não tenho. Ando por aqui ha um ror de seculos e nunca senti fome. E com um sorriso delicioso, como quem faz uma revelação:

— Isso é para vocês que são deste mu.do. Para mim não, que não sou de cá.

— Ah! voce-mecê não é de cá?

— Eu sim!...

E sorri-se da minha estupidez, da minha fal-

ta de comprehensão abrangendo num infinito olhar toda a amplitude da terra ao ceu! Habitava essas regiões ideaes e interminaveis do azul, suspenso na serena ondulação do ar, e bafejado da poeira brilhante da luz. A expressão humilde e conformada no seu rosto, a grandeza e compaixão que lhe ressaltava da voz fresca e singela, o seu triunfante sorriso cheio de tranquillidade... davam ideia de que este velhinho resumia em si um ideal sublime. Quem pensará ele representar neste mundo? — perguntel a mim mesmo. Talvez a algum santo milia-roso, algum lobisho, m-m das lendas, algum bruxo afama o entre o povo!... A convicção da sua imat rialidade e do seu imenso poder reconhecia-se que a tinha, pelo tom desdenhoso e superior com que se referia a tudo que o cercava. D'ele só veriam sair protecção e bondade; — os beneficos que um a to rudimentar do seu querer podia espalhar sobre a terra eram incalculaveis. Um simples designio da sua vontade ornaria os homens eternamente felizes ou desgraçados. Não comia, não se cansava, não havia po to na terra donde tivesse part do ou que devesse ocupar... — o mundo, o ceu, os espaços inconcebiveis eram a sede da sua obliquidade. Nem o dor, nem o contigente o tocava. A misera fraqueza humana não a s ntia; a contingencia do globo merecia-lhe um pensamento compadecido. Sereno e grand-vivia no seu reino especial!...

Quem seria o ente imaginario que este velho magro, do rosto sumido, alegre, bondoso, expressão de soberba e de compadecido, julgava representar? Perguntel-lh'o com a premeditada cautela que ele empregava nas suas palavras.

— Então quem é voce-mecê?

— Pois ainda não advinhou?! Nosso Senhor Jesus Christo.

E depois de me olhar com tremenda piedade acrescentou:

— Ando aqui para os salvar a todos!

Dei-lhe uma esmola e o pobresito retirou-se serenamente, recomendando-me:

— Agora caluda por causa desta gente.

Janerio de 1885.

BENTO MORENO.



Os representantes de Ceuta em Lisboa



A assistência á sessão solemne do dia 15 do corrente e banquete, que se lhe seguiu, na Camara Municipal de Lisboa, em honra dos illustres representantes da municipalidade de Ceuta

(Cliche Salgado.)

Os representantes de Ceuta em Lisboa

Os membros a missão oficial de Ceuta por ocasião da sua visita à Câmara Municipal, no dia 13, em que chegaram a Lisboa

Os ilustres visitantes, acompanhados pelos representantes da Câmara Municipal de Lisboa, jornalistas, etc, no palácio da Pena, quando da sua visita a Cintra, no dia 14



Os representantes da Câmara Municipal de Ceuta com o sr. ministro de Espanha, na Legação Espanhola, onde lhes foi oferecido um almoço, no dia 15



Os vereadores de Ceuta almoçando, num restaurant, de Cintra, com os seus colegas de Lisboa e alguns jornalistas

(Clichés Salgado)



(Desenho de Léon Lhermitte.)

A MISSA DO GALO

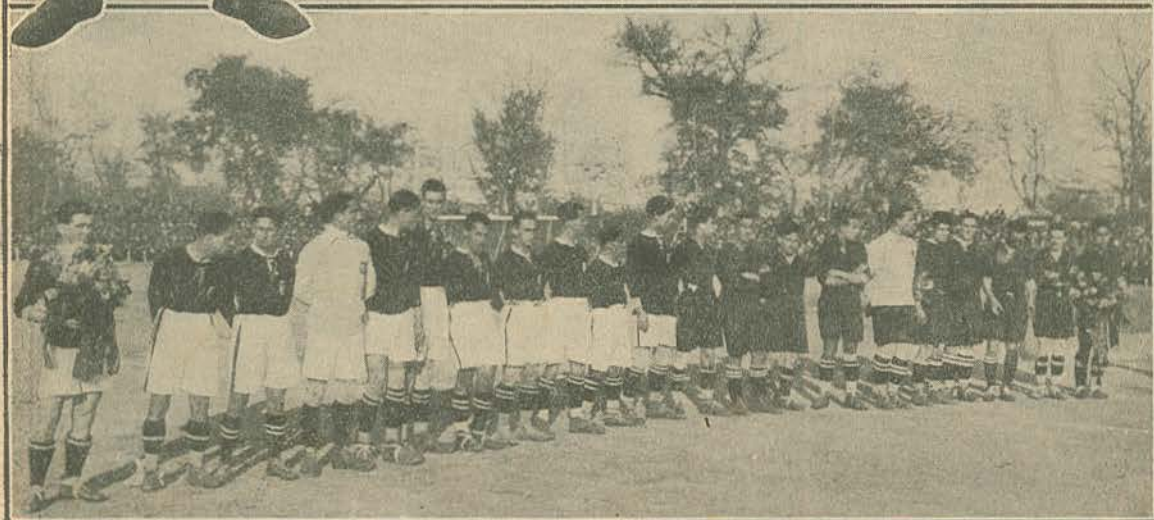
O III PORTUGAL-ESPANHA

ASPECTOS GRAFICOS DO ENCONTRO REALIZADO
EM SEVILHA, NO DIA 16, A QUE NOS REFERIMOS
NA SECÇÃO «TODOS OS SPORTS»

■■■■■■■■■■

O tradicional abraço dos capitães das duas equipas

Ricardo Zamora, o famoso guarda-redes espanhol, com a sua «nascotte»



*A bancada dos portugueses no campo Reina Victoria, de Sevilha
Os dois «onzes», após a troca dos ramos: português, à esquerda e, espanhol, à direita
(Clichés Serra Ribeiro)*

Duas Terras Santas



*Aviva e
a...pintada*

VARIA, até ao infinito, a iconografia do Natal. Como a da Paixão, como toda a iconografia sacra. E compreende-se que assim suceda, intepretada como tem sido e continua sendo por artistas de todos os paizes, de todas as raças, de todos os temperamentos. Além de que o sobrenatural, o ambiente de misterio que a envolve, são mui de geito a alar a inspiração dos interpretantes a alturas taes que não raro melhor assentaria chamar-lhe exaltação.

Nem tantissimas obras-primas da pintura o seriam se essa exaltação não se revelasse, nelas, na sua plena magnificencia. Nem os mesmos assuntos tratados ofereciam aspectos de composição e de conjunto tão diversos e tão maravilhosos, conforme o pincel que os toca e a paleta que os anima, se a fantasia interpretativa não imperasse soberanamente.

Quanto á concepção e até á execução desses aspectos de conjuncto está, pois, bem. Na sua grande maioria, de obras se trata destinadas a falarem-nos ao espirito, no duplo significado de sentimento artistico e sentimento religioso. Até dos pessoalmente avessos a este e que apenas possuem, dele, uma impressão reflexa.

Mas no que respeita aos elementos constitutivos, á ethnografia, á flora, á fauna, á indumentaria, á archeologia dessa especie de composição pitoresca, por mais espiritualizada, não correrá o risco, a execução fantasista, menosprezando-os ou alterando-os, de prejudicar não diremos apenas o valor artistico, mas o proprio sentimento religioso que a toda a pintura sacra cabe, antes, estimular?

E esta nossa duvida abrange quaesquer outras formulas interpretativas,

*Os pastores guardam
os rebanhos tal como
há dois mil anos...*



taes como as lendas e tradições locais, que variam também infinitamente, tantas vezes condicionadas ao meio espiritual e até ao meio físico, ao ponto destes alterarem a própria essência do caso interpretado, avolumando as desconfianças quanto á sua autenticidade, mais ou menos discutível.

*Uma Judéa
fantasia*

Vém isto a propósito de umas curiosas observações com que depicimos em livro talvez pouco qualificado para merecer invocação na matéria, mas, nem por isso, menos de ter em conta como depoimento, que é, insuspeito e vivido. Observar-se-ha que de um simples romance se trata. Sem duvida. Mas romancista de autor que indubitavelmente viveu o meio e sentiu o ambiente, o caso que nos interessa se referindo sem sombras de intenção depreciativa e tão sómente como comentário despreocupado—e documentado.

La petite fille de Jérusalem se intitula esse livro, da autoria de Myriam Harry, o qual nos descreve, nele, a infancia e juventude de Siona—*la petite fille*—nascida em Monte Sião, em plena epidemia da colera, e que, «talvez por ter vindo ao mundo entre as litanias mortuárias e as flores pascoaes, veio a possuir uma alma grave e imaginação propensa ao maravilhoso».

A's cavalitas da ama, a bethelenense Ouarda, conforme o costume local, vê-a, o leitor, percorrer, nos seus passeios diários, a «Jerusalém de ruas desertas» e seus arredores. E é como se assistisse, pessoalmente, ao desfile das procissões na catedral do Santo Sepulcro, á execução sangrenta de um bandido beduíno, á barbara festa do Fogo Sagrado, ao perpassar das expedições a Meca, pela porta de Jafa, e até sentisse os efeitos emocionantes dum desses boatos de massacre de creanças estrangeiras, pelos turcos—boatos «que os consules alemães costumam espalhar de tempos a tempos», mas que, daquela vez, estivera, de facto, iminente. As paisagens e costumes locais são descritos pelo autor com uma delicadeza que encanta e uma precisão que convence, embora não possa verificar-se. Como esses retratos que temos a certeza de estar parecidos, por menos que conheçamos os retratados.

Filha de mãe alemã e de pai russo, o livro antigo Guilhermo J. Benedictus, que é também entusiasta pesquisador e negociante de arqueologias moabitas, a gentil Siona, crescida entre os livros e os vasos e idolos de Moab, das colecções paternas, em contacto permanente com judeus, luteranos, anglicanos e toda a casta de *touristes* e peregrinos que lhe acodem á terra natal, cedo co-



...a barbara festa do Fogo
Sagrado...



A's cavalitas da ama,
conforme o costume
local...

meça a manifestar essa «gravidade» que já sabemos constituir uma das suas características psíquicas. Assim, permit-se p nsar, comentar, formular conceitos, t r opiniões desde tão pequenina que ainda não pode com a Bíblia, cu'as gravuras a madrinha, a diaconiza irmã Hilda, lhe aponta, explicando-lhe as leg ndas: o *Baptismo do Jordão*, a *Parábola da boa Samaritana*, a *Resurreição de Lazaro*, a *Hossana da multidão*, a *Purificação do Templo*, o *Jardim da Agonia*, *Jesus perante o proconsul*, a *Subida do Calvario*, a *Sepultura do Gologista*...



O túmulo
de Raquel

«Mas, nessas velhas gravuras em madeira—é o autor quem fala—nada, nada recordava a Judéa e os costumes evangélicos. Herodes habitava um castelo de torres ponteadas, telhados de telhas cobriam as casas de Bethlem, os carneiros dos pastores tinham rabos de cachorro, os Discípulos usavam barrete de pel s, Marta passeava com saía de anquinhas, Simão, o cirineu, exibia calções tufados e, os Doutores das leis, mangas golpeadas.

«De maneira que Siona, por mais que tivesse á roda dela a ilustração viva da Bíblia, formava, da história sagrada, uma ideia differentissima. Para ela Jesus e os seus companheiros eram ocidentaes que haviam vivido muito longe de Jerusalem, do lado oposto da terra, num mundo que, de todo em todo, lhe era desconhecido...»

Isto pelo que toca á iconografia.

O «verdadeiro» Natal

Ve'amos, agora, as formulas de interpretação tradicionaes, cingidos sempre ao livro de Myriam Harry.

Naquele ano, nevara, em fevereiro. Extraordinariamente, pois é, essa época, a da maravilhosa primavera, na Judéa. Mas nevou, enfim. E Siona, sua irmã mais velha Elisa-

beth e David, o amiguinho daquela, exultam por poderem brincar com a neve, «como na Europa».

Então Elisabeth, para instruir os outros, conta-lhes uma fábula do «Homem de neve e os corvos», ou-



... ao passar das expedições
a Meca, pela porta de Juza...

vida, talvez, aos paes, e promete-lhes fazerem, tambem, no dia seguinte, um boneco de neve. O que sugere a Siona, para demonstrar que, por igual, «sabe coisas europeas», observar:

—E, depois, é o dia de S. Nicolau e nascerá o Menino Jesus!...

Ao que a irmã lhe retorque:

—Estupida! S. Nicolau é a 6 de dezembro e bem sabes que o Menino Jesus nasceu no Natal.

—Pois sim, mas não foi no *verdadeiro* Natal, —objecta Siona—porque não caía neve. Foi no Natal dos arabes. No Natal dos europeus, cae neve...

O que Elisabeth comenta, encolhendo os ombros:

—Vale bem a pena ter nascido a dois passos de Bethlem, para não saber que o Menino Jesus veio ao mundo num tempo tão bonito que até os pastores passeiam os seus rebanhos ao luar.

A tradição, condicionada ao meio fisico europeu, assim se oferece, de facto, tão adulterada que Siona, embora houvesse dela apenas noticia, tivesse tão só conhecimento indirecto, cria que o *verdadeiro* Natal era o europeu! Nascida na

Judéa, o Natal que supunha falsificado era... o judaico...

Mas ha mais. Continuemos.

*Menino Jesus...
vindo de França*

Descreve o livro:

Approximar-se o Natal, fazem-se sempre grandes preparativos em casa de Siona. A mais tradição, então, uma serenidade quasi pacifica. Para ela o Natal não era apenas uma festa religiosa; era, principalmente, uma festa continental, a festa das suas recordações da infancia e das velhas tradições da sua longínqua terra de Hesce. E, não obstante o celebrasse em Jerusalem, a dois passos do proprio local da Natividade, o Natal mantinha-se para Mme. Braedictus uma festa occidental. Não podia admitir-se senão pinheiro e se a pão doce (*pain d'épice*), duas coisas que desconcertavam o espirito oriental de Siona. Com equal ardor viam, ela e Vairda, amassar essa pasta escura, seca, alimentada, que Elisabeth cortava, depois, em forma de cruzes e de estrelas e que se diria antes evocar alguma ariente terra de negros que a gelida e insípida Alemanha. E Siona lembrava-se com a saudade dos bolos arabes de cores vivazes, rosa e verde, doirados de mel e polvilhados de assucar.

«Deve ser como recordação do negro Baltassar que comem



ADORAÇÃO DA VIRGEM

A Adoração da Virgem, quadro de Benvenuto Tisi, o Garofalo, discípulo de Rafael (1481-1539)

A Adoração dos Reis, quadro de Paulo Veronese, pintor italiano da escola veneziana (1528-1588)

A Adoração dos Pastores, quadro de Carlo Maratti, pintor e gravador italiano (1625-1713)



ADORAÇÃO DOS REIS



ADORAÇÃO DOS PASTORES



...envoltos nos antigos mantos, reptam pelas mulheres...

este pão infernal» pensava, fazendo-lhe careta. Mas o que, de maneira alguma, conseguia explicar-se era a misteriosa relação existente entre o presepe de Bethlehem e o pinheiro manso, essa arvore do norte, triste e rígida, a fazer fé pelas estampas, e a que sua mãe se referia sempre com enternecimento. Nem um só pinheiro manso crescia em toda a Palestina. Tinham, portanto, que recorrer ao bravo — o menos anão e raquítico possível — que M. Alredo e Hessane lá conseguiam, com grande trabalho descobrir no vale dos Terebintos, num domingo do Advento. Enquanto não chegava a noite santa, encostavam no ao muro do jardim e tal era o seu aspecto humilde, triste, de deslocado entre as mimosas e as amendoeiras floridas, que Siona comparava-o a uma arvore peregrino, vinda de muito longe, duma patria de frio e de novoeiro — como esses moiques que passavam na coli a — adorar, debaixo dum ceu clemente, o Menino Jesus galileu.

Tratava-se, então, de transformar esse pseudo-pinheiro

em autêntica arvore do Natal. A mãe, Elisabeth e as amigas desta encarregavam-se disso, com o mais piedoso zelo.

Na celha (onde teem fixado o pinheiro) e igualmente sobre a neve improvisada, colocavam um presepezinho com a mangedoura coberta de colmo (é coisa que não existe na Terra Santa), o divino Menino de cera cor de rosa, sua Mãe, José, os pastores em trajes extravagantes e os bois (animas desconhecidos na Judéa) aquecendo com o seu halito o Menino Jesus.

A's quatro horas, na véspera do Natal, embora o tempo estivesse lindo e fizesse dia fóra, fechavam-se as janelas porque, a essa hora, já é noite na Europa.

Em geral convidavam os amigos de Elisabeth, os filhos de Hessane e alguns orlãos arabes. Mas, com manifesta decepção por parte de Mu e Benedictus, os arabesinhos estavam longe de se manifestar maravilhados. A beleza daquela arvore disfarçada, do presepe coberto de colmo, não a chegavam a compreender, bem longe estando de supôr, as pobres creanças, que aquele nené d'olhos azues e caracões loiros era o seu divino compatriota.

Nem só Siona tinha, como se vê, o sentimento da sofisticação, embora piedosamente inconsciente. Para as creancinhas arabes tamb m a arvore mas aradae o Men no J sus eur, peu eram coisas es rinh s, *depayzées*, que em nada concorriam para afervorar as suas in enuas crenças. Antes pelo contrario.

E o que se passava com as creanças, dava-se com os adultos, quando muito i-sonjeados, como vae vêr-se, com uma encenação tão disparedo scenario natural — e local — do acto representado.

Presepes de importação

Segue, o livro, descrevendo a partida dos convidados da familia de Siona, de Jerusa-

O Poço da Virgem, em Jerusalem



lem para Bethlem — duas horas de caminho, com as creanças, — a visitarem a cripta :

Quarta e Siona acompanham os que partem. Fóra, é ainda claro e faz bom tempo. Os homens caminham na frente, envoltos nos seus antigos mantos, seguidos pelas mulheres trajando de azul, com mangas que caem em azas fluctuantes e cujos adornos de netaes e pectarias tibntan. Leem a colina russa, ao longo dos baluartes de Jerusalem, depois descem ainda para a planície de Efbrita, a planície fecunda onde, na terra vermelha e luminosa, florescem as «estrelas de Bethlen», os «cafrões dos profetas» e os «asídelos dos reis.» Ao longe, perto duma amendoeira florida, os pastores guardam os rebanhos, tal como ha dois mil anos...

Neste curto trecho, sim! se respira bem o ambiente local, se sente a verdadeira paisagem, o meio integral é completado pela propria indumentaria, tambem integra. Mas a fantasia depressa volta:

De tarde, Ouarda foi acompanhar a menina—a *petite fille*—à cripta de Bethlem. Por igual, ali, tudo estava ornamentado, não austeramente, com simples colhagen, mas com flores terrantes e papel de seda e grandes liros, brancos e oiro, vindos de França. Em frente do altar havia tambem um presepe de tamanho natural, recentemente chegado, com Maria e Jose magnificamente vestidos e pastores asseados e cheios de distincção carregando as costas ovelhas immaculadas, que exibiam delgados rabos de cão (no Oriente o rabo do carneiro não passa duma massa gordurosa e informe). Por detraz viam-se, ainda, camelos de duas corcovas (inteiramente desconhecidos na Palestina) e reis magos, cobertos de adornos e com sequitos de pretinhos.

Toda a cristandade arabe vinha contemplar aquela maravilha e era coisa muito de ver o espectáculo de todos aqueles bethlenenses, nos seus trajes autenticos, prostrados ante taes bonecos fantasistas, que ainda conservavam, nas dobras dos latos, as etiquetas do fabricante de Paris. Mas os bethlenenses erguiam-se orgulhosos e saiam da igreja satisfeitos com a ideia de haverem tido por antepassados occidentaes tão bem vestidos e tão anafados.

Santos de casa... (?)

Será, talvez, forçar a nota o pretender transformar em simbolo dos que crêem ingenuamente a pequena Siona—e que, assim crendo, o farão com menos fervor em pre-

sença de erros manifestos, anãs, de corrimenos, parecebastaao, por ter o meio ver apresentação para evitar dado, pelos se tanta gente, ainda com Sio taando-a distrai ensia.a a re se uma noite, —Então, Sio giosa, não cres Respon den te / Lie, ino —Sou, sim, do formos para sarei... Lá, to Menino Je

Ou não tere zão e tudo se velha fórmula de casa não gres?»



de facto tão quanto faceis, gir? A nós, pelo nos que teria exemplo, mandadeiro na re dos presepes que se haja culos fóra, com o que se dava na, a quem, no da, qua do a sar, a mãe dis ao deital-a: ra, não és reli no Paedo eu? do-lhe, a peti centemente: mamã... Quan a Europa, re dos crêem no sus...

mos, nós, ra resumirá na de « os santos fazerem mila

T. M.

O presepe, na cripta de Bethlem

DARIO NICCODEMI E VERA VERGANI



No foyer do Teatro Politeama realizou-se, no dia 15, a inauguração, que foi revestida de toda a solenidade, de duas lápides comemorativas da passagem por aquele teatro de Dario Niccodemi, o eminente dramaturgo e director da companhia italiana, que ali acaba de dar uma memorável série de espectáculos, e da primeira actriz na mesma companhia, a illustre comedianta Vera Vergani. O nosso cliché, tirado pouco antes da cerimonia, representa Vera Vergani e o assistente da re erida cerimonia.

(Cliché -algado.)

Exposição de arte dos antigos alunos da Casa Pia



Realiza-se hoje a inauguração da exposição de architectura, escultura, pintura e desenho, promovida pelo grupo dos antigos alunos da Casa Pia de Lisboa, constituído pelos artistas (da esquerda para a direita): 1.º plano; srs. António do Couto (arquitecto), Joaquim Porfírio (pintor), Pedro Gueves (pintor) e José Neto (escultor). 2.º plano; srs. José de Souza (pintor), Francisco dos Santos (escultor), Raul Carapinha (pintor) e Eduardo Romero (pintor). — Cliché Furtado & Reis.)

MEIA-NOITE

Cae a neve. E lentamente
Começa a tanger o sino;
Nos lábios de toda a gente
Ha pieces ao Deus-Menino...
E a neve cae lentamente.

Meia-noite. O frio é tanto!
E o sino sempre a chorar...
Cae sobre a aldeia o seu pranto,
Toda a gente vae rezar
Por Jesus. O frio é tanto!

E o povo passa correndo
Para a missa do Senhor;
E o sino sempre taagendo
Num soluçar sonhador,
E o povo sempre correndo.

E a neve cae devagar
Como um sonho que se esvae
Pel's sombras do meu lar...
Oh raparigas, rezae
Que a missa vae começar.

S luça de novo o sino,
A meia-noite passou...
Moças, beijae o Menino
Que a missa já terminou
E chora de novo o sino.

E a neve, lenta, gelada,
Cae por sobre os pequeninos;
Segue a noite de longada
Por sombreados caminhos,
Cheios de neve gelada...

Natal de Jesus, ao dobrar a meia noite.

ABILIO DE MESQUITA

JESUS INFANTE

Aprendendo a ler:

As aguas de Madian subiam em murmurio.
No Ceu pontificava o Sol do meio-dia.
E á porta do tugurio
Fiava a Mãe de Deus, Santa Maria.

Arrulhos no beiral. E leve, muito leve,
No horto pequenino, e que lhe tica ao pé,
Intlorescia. em brancuras de neve,
O baculo do patriarca San José.

Como flechas de luz, voavam escaravelhos.
— E a Senhora Sant'Ana, ao suave anoitecer,
Descançava nos joelhos
O livro onde Jesus ia aprendendo a ler...

Ilha da Madeira.

JAIME CAMARA

OS MEUS BONITOS

Natal! Na'al! E esta voz divina
Enche a casa de rigor e de luz...
Acordando n'us tempos de menina
Em que eu pedia *bonitos* a Jesus.

Toda a noite feliz, quando creança
Levava em sonhos lindos, num sorrir.
Com bonecas loirinhas de faiança
De grandes olhos, de fechar e abrir...

Natal! Natal! E esta voz divina
Já não lembra meus sonhos de menina:
(Que Deus me perdoe outros desejos...)

Se eu Te disser que, agora, com ardor
Só festejo o Natal do nosso amor,
Que me trouxe os *bonitos*, dos teus beijos!

Natal de 1923.

DIDA

Artistas portugueses em Alcacer-Kibir

POZ percorrer, sempre por entre cativantes manifestações de simpatia e aplauso, grande parte da Espanha, o grupo de artistas que com a denominação Troupe Portugalia e sob a égide da Sociedade Propaganda de Portugal saiu, há meses, do país em excursão, transferiu-se, nos fins de novembro, para Marrocos. Ali as mesmas manifestações de carinho lhe foram prodigalizadas sendo, sobretudo, de especialisar os termos verdadeiramente penhorantes em que os recebeu, em Alcacer-Kibir, a officialidade espanhola.

Visou, essa recepção, mais que os artistas, a sua propria patria, pois foram incessantes as ovações a Portugal, tanto por ocasião do chá, servido á maneira mossumana no aquartelamento dos referidos officios, como da visita ao acampamento, onde aguardava os visitantes o

mais comovente dos espectaculos. A sua chegada, ao mesmo tempo e em dois grandes mastros erguidos no sitio preciso onde se deu a memoravel batalha de Alcacer-Kibir, foram içadas as bandeiras espanhola e portugueza, ás quaes tola a guarnição prestou continencia, enquanto os ternos de cornetas executavam a respectiva marcha.

Um espectáculo, repetimos, a tal ponto emocionante que muitos dos nossos artistas, se não todos, sentiram humedecidos, os olhos, por lagrimas não só de commoção, em relação ao passado assim tão gentilmente rememorado, como de agradecimento pela delicada surpresa que lhes havia sido preparada pela discrição e delicada officialidade do país vizinho.



Em cima — A Troupe Portugalia com o comandante em chefe do 4.º grupo das forças regulares inactivas de Larache, e outros officios superiores, no acampamento de Alcacer Kibir.

Em baixo — A mesma Troupe com o comandante e officialidade das referidas forças, no quartel onde se realizou o chá de confraternização.

NACIONALIZAÇÃO

A briosa
quadrilha



ou O ÚLTIMO JOGO

DE

„RUGUEBI“

Pega
de
cernelha



Uma
colhida



Rabejando
EM

SALVATERRA

Rojão
e
vice-versa



Pega de cara



A sorte de morte

Sahida da briosa quadrilha



(CROQUIS DO NATURAL DE
1923)

HOMENAGEM A UM VEREADOR PORTUENSE



O vereadores da Camara Municipal do Porto, sr. Pires Monso (1) e alguns dos condeas ao jantar de homenagem que no dia 8 do corrente lhe foi o, erellido pelos artistas d'aquella cidade a saber: Julio Ramos (2), Emanuel Ribeiro (3) Antonio Costa (4), Oliveira Ferreira (5), e Joaquim Lopes (6).

CASAMENTO ELEGANTE

ALBERGUE DAS CRIANÇAS ABANDONADAS



A sr. D. Maria Ofelia Faria da Costa, irmã do sr. dr. Amadeu Faria da Costa, e o sr. Afonso Velez Gomes, cujo enlace matrimonial se realizou em Lisboa, na igreja dos A
dia 8 do corrente mez de dezembro.



Os srs. Ernesto Simões Machado (1.º plano) e Abel Marques Ferreira, Jaime Cassagne e Antonio d'Oliveira Homem 2.º plano que promoveram, em Lourenço Marques, uma subscção que rendeu 10.500\$70, em favor do Albergue das Crianças Abandonadas, para o que organizaram uma comissão a que agregaram quatro interessantes creanças, filhos do prim.º e do segundo dos referidos benemeritos.



As companhias estrangeiras e a decadencia do Teatro nacional

A O cabo de duas semanas de espectáculos, e quando o publico havia começado a encher o Politeama, terminou a série de representações da companhia italiana dirigida por Dario Niccodemi, em virtude da necessidade do cumprimento de varios contractos em Madrid, Barcelona e Paris. As primeiras recitas da companhia foram fracamente concorridas. Só se estabeleceu a affluencia de espectadores depois da imprensa ter posto em relevo a boa qualidade da «troupe», a harmonia do seu conjunto, a novidade do seu repertorio, onde, no entanto, se incluíam peças já vistas em portuguez, como a «Inimiga» e a «Sombra», as quaes, porém, interpretadas por Vera Vergani e pelos seus companheiros, nos pareceram de todo o ponto novas. A primeira actriz, ainda no verdor dos anos, realisa as duas personagens de Dario Niccodemi, como, aliás, todas as que interpreta, por forma a dar-nos-las vivas e frescamente e não caricaturadas e postíças. A nossa illustre Maria Matos, que é uma artista de incontestavel merito, ocupando hoje na scena portugueza um lugar eminente, deixou-se seduzir pela doçura e Mèvres da «Inimiga», e pela Berta, da «Sombra», sem que ponderasse antes sobre se possuía todas as condições de ordem plastica e sentimental que se reclamam para a exacta incarnação dos dois interessantes vultos femininos e das curiosas psicologias que eles exteriorisam. Vera Vergani não luta com o obstaculo da estatura deficiente, da fisionomia pouco maleavel ou pouco adaptavel e da voz destituída dos cambiantes musicas de que esse instrumento deve dispôr para que as situações não falhem e os efeitos se produzam. A joven e já notabilissima actriz italiana dispõe dos dotes fisicos que requerem, na quasi totalidade, as pessoas que a sua arte aventa no tablado. E á posse e ao dominio desses dotes junta ela ainda o talento mais ductil, não confundindo nunca dois papeis, mesmo que se aproximem: não fazendo prevalecer a sua propria individualidade, porque esta apaga-se, some-se, a fim de que apenas fique de pé, agindo, a criação do autor. Só assim, em cada noite, podemos admirar e aplaudir uma obra diversa, diversamente interpretada, quer pela comediante principal, quer pela pleiade dos que a acompanham e cuja selecção se verifica ter sido intelligente e cuidadosa em extremo. As partes em cada peça encontram-se tão criteriosamente distribuidas que não se deu o caso de notarmos o menor erro nessa distribuição. É certo que entre artistas portuguezes não faltam os que se desdobram e brilham nas mais opostas personagens. Maria Matos, a quem nos referimos acima, não está excluída do numero, mas, por vezes, tem persistido em ir muito além das possibili-

dades dos seus recursos. Quem haverá ahi que se não confranja ao vê-la desempenhar ingenuas ou damas galãs? A companhia italiana dirigida por Dario Niccodemi é das mais homogeneas e das mais completas que percorrem, em excursão, o velho e o novo mundo. Fundada ha tres anos, consta que o Estado italiano a patrocina, até pecuniariamente, e para que ela faça a propaganda, junto dos vastos nucleos de italianos instalados nas Republicas sul-americanas, da lingua e da literatura dramatica da Italia, alimenando um fogo sagrado que cumpre impedir que se apazue ou, sequer, que esmoreça. Tal propaganda significa um dos maiores serviços attinentes a estreitar os laços que unem os que emigraram e se estabelecaram longe e os que não abandonam o solo patrio. Compreende-se que uma companhia organizada como a de Dario Niccodemi, em que as omeiras figuras se nivelam, em que o elenco e o repertorio se identificam, em que a montagem das peças se faz com escrupulo e gosto nada vulgares, realice uma acção patriótica e artistica de beneficos e fecunda resultados. Constitue tambem um estimulo para os autores novos, que se empenham no rejuvenescimento da arte dramatica italiana, de modo a emancipar-se, a Italia, da tutela do teatro estrangeiro, nomeadamente do francez de que tem sido subsidiaria. Quanto longe estamos de poder efectivizar, com os nossos artistas e a nossa literatura teatral, a mesma acção beneficiente em terras do Brasil e da Africa! Os nossos comediantes de valor co tinuam dispersos e cercados de meros curiosos; as companhias multiplicam-se, não sob o influxo da idea de servir a arte, mas tão somente animadas de um espirito de exhibicionismo e de industrialismo ao qual, amilude, escasseia, como é logico, o exito. Enquanto vigorar este regimen, raro poderemos fazer o registo de boas, optimas interpretações de conjunto, como aconteceu agora com a companhia italiana, cujas recitas, para alguns dos nossos comicos, ue a elas assistiram, oxalá tenham valido por um curso pratico de que provenham salutaes consequencias. E, já agora, lembraremos que os jornaes anunciam a vinda proximo a Lisboa de mais companhias estrangeiras. A arte não tem patria, é certo, mas a penuria nacional não se compadece com tamanha drenagem de ouro para fóra do paiz. Eis outra resultante da decadencia profunda do teatro portuguez em todos os generos. Se ele estivesse florescente, arredar-se-hia a facilidade das sucessivas visitas de comediantes estrangeiros, porque os nossos haviam de suportar, em regra, os confrontos com vantagens muitas vezes para nós...

A. de A.

HOMENAGEM À MEMORIA DO DR. SIDONIO PAES

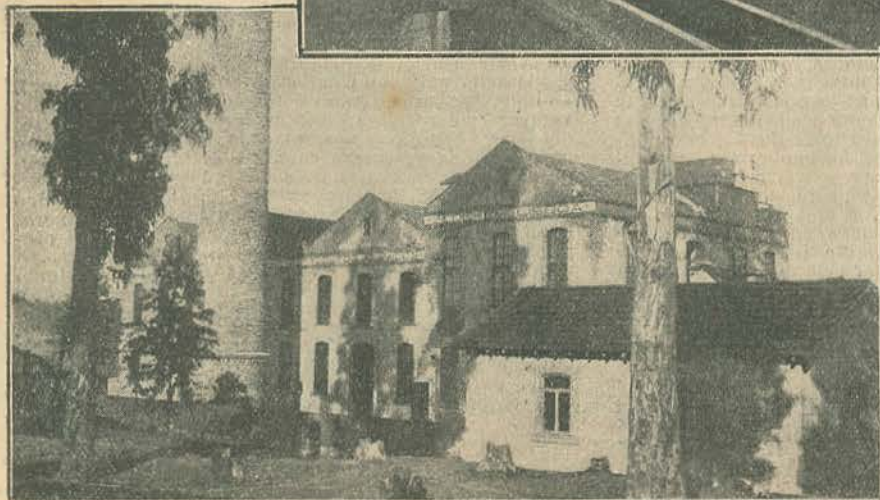
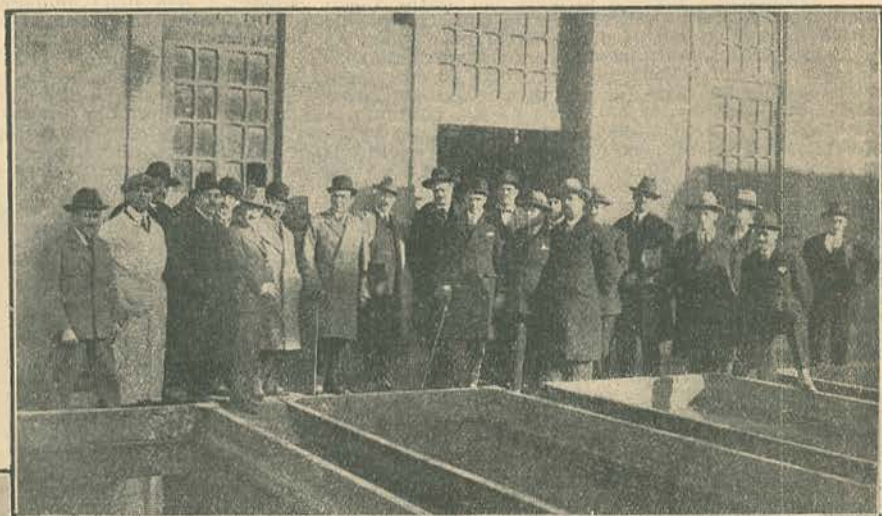


O prestito organizado após as exequias celebradas no dia 14, na igreja de S. Domingos, dirigindo-se daquele templo para o Centro Dr. Sidonio Paes, na rua Garrett, onde se efectuou uma sessão comemorativa do anniversario do falecimento do antigo Chefe do Estado

(Clichê Segura.)

INAUGURAÇÃO DE UMA MPORTANTE FABRICA

Em Pampilbosa do Bo-tão realisou-se, no dia 9 do corrente, com a assistencia do sr. ministro do Comercio e achando-se o da Agricultura representado pelo deputado sr. Jorge Nunes, a inauguração de uma importante fabrica de destillação de madeiras e preparação dos seus sub-produtos, pertencente á Companhia Industrial de Resinas e Produtos Químicos, com



séde em Lisboa, na rua do Caes de Santarem, 32, 2.º.

Além daqueles representantes do governo, assistiram ao acto inaugural, que foi revestido de grande solenidade, varias outras entidades officiaes, o pessoal da nova fabrica, jornalistas, etc.

As nossas gravuras representam o amplo edificio da fabrica e os assistentes á festa da inauguração, por occasião da visita ao referido edificio, vendo-se, entre elles, os srs. ministros do Comercio e Jorge Nunes, (8.º e 9.º, a contar da esquerda.

SEARA ALHEIA...



—Brinquedos?... Isso foi tempo, meu menino! Agora, palmo os sapatinhos e sou eu quem pede as bróas...



—Como resolvo a questão das bróas?... É simplíssimo!... Ah! por meados do mez, ponho-me mal com ela e pronto...

(De Le Journal).

Página Elegante



A EXTREMA graciosidade dos chapéus modernos! Uma prega inesperada, uma *draperie* original e feliz, a arrancar reflexos sedosos do veludo, uma fita colocada com arte, uma fivela, um *cabocho*, é quanto basta para fazer dum chapéu simplíssimo um modelo d'um *chic raffiné*, atestando uma impressionante elegância.

E' que a moda actual atenta mais na arte de disposição do que na opulência do conjunto.





AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A BI-
BLIOTECA DA
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS



ONDE SE CONVERSARA' COM OS
LEITORES A PROPOSITO DE TU-
DO E O MAIS QUE OCORRER.

OS POSTIÇOS, por Eduardo Schwalbach

Um dos ultimos grandes exitos do autor do *Intimo* no teatro de declamação, foi, sem duvida, a peça *Os postiços*, representada no antigo D. Amelia, quando



Eduardo Schwalbach

nessa casa de espectaculos funcionava uma das companhias das mais completas e das mais brilhantes que teem pisado palcos portuguezes. A comedia de Eduardo Schwalbach foi expressamente escrita para semelhante conjunto de artistas, porque só elle lhe assegurava um desempenho condigno. Hoje o notavel comediografo talvez não ousasse meter ombros a uma obra identica, por deficiencia de elementos reunidos que lh'a representassem. Quantos grandes artistas mortos e quantos outros dispersos! *Os postiços* mostram-nos, em todo o esplendor, as feições caracteristicas do talento de Eduardo Schwalbach que, como raros autores dramaticos, sabe enastar a nota humoristica e a nota sentimental, o traço satirico e o traço romantico, sem nunca deixar de ser um espirito observador e analista e um poeta para o qual as delicadezas do coração não teem segredos. *Os postiços* constituem uma *charge* admiravel, que é, simultaneamente, uma bela lição social. Peça bem portugueza, lendo a agora, numa excelente edição portuense, renova-se para nós o intenso prazer que sentimos ao vê-la erguida e vivida no tablado por um dos mais perfeitos grupos de comediantes que nos tem sido dado apreciar.

UM APOSTOLO DA INSTRUÇÃO POPULAR

Comemorando o 5.º aniversario da morte de Casimiro Freire, publicou-se um opusculo consagrado á sua illustre memoria. Incluem-se nele varios elogiosos juizos que o benemerito cidadão inspirou a algumas autorizadas penas da nossa litteratura e do nosso jornalismo. Casimiro Freire foi o creador e a alma das Escolas Moveis pelo metodo de João de Deus, que lhe devem relevantes serviços. Lutador admiravel, nunca esmoreceu na sua campanha e a causa da instrução popular neste paiz constituiu o objectivo da sua vida inteira. O opusculo vem illustrado com um magnifico retrato de Casimiro Freire, por Antonio Carneiro.

A. de A.

Recebemos, mais, as seguintes publicações, cuja remessa agradecemos:

A Pesca e industrias derivadas do districto de Mossamedes (1921-1922)—Relatorio de um inquerito pelo primeiro te-

J. T. M.—Exactamente por «positivista» ser isso que o senhor diz é que o vocabulo está mal onde está. Teem, as palavras, um sentido proprio e outro relativo, bem sabemos. Mas ha sentidos proprios tão ligados com a ideia daquillo que exprimem que, empregar termos nessas condições, em sentido relativo, denota... ingenuidade—tambem em sentido relativo, se quiser. O que o senhor pretendia dizer é «positivo», mas não lhe chegou a... rima. Verdade seja que as difficuldades de rima o obrigam a outras tropelias das quaes nem só poderá imputar-se a responsabilidade ao dactilografo. E a prova é que, apoz a correcção, persistem...

A. DA C.—Em qualquer litteraria,

A. DE G. V.—Será publicado a seu tempo e, quanto á noticia do ltero, aguarda, tambem, a sua altura. Infelizmente o espaço de que dispomos é muito restricto e, assim, a bicha inevitavel, por mais que desadoremos semelhante especie zoologica.

J. R.—Felicitamo-lo pelas transcrições e fazemos votos pelo pleno exito do ltero que prepara. O seu soneto Moncego e as suas quadras O Amor liberam de sofrer ligeiros retoques. Tão ligeiros que nem sequer, talvez, dará por eles. Mas ficardo, assim, melhores. Eu todo o caso, se não se conformar, está a tempo de nol'o dizer. Poentes e Trovas saírao como estão.

UMA DEVOTA DO NATAL.—Com muito prazer O Seculo receberá qualquer donativo para distribuir pelos seus pobres, nesta festa bendita. Pode mandar seja o que for: artigos de malha, calçado ou dinheiro. Tudo accettamos, agradecendo a sua ideia.—D.

UMA MÃE DEDICADA.—Sobre a meza do jantar estão-se usando mais os objectos de cristal do que os de porcelana. Jerros d'agua, vasos para flores, doceliras, tudo de cristal. E' bom que assim seja. A mesa fica mais leve e ao mesmo tempo mais alegre com a luz electrica a inciar nas facetas do cristal.—D.

JOÃO COSTA (Porto).—Sim, ha mais humoristas, mas compreende que não posso sobrecarregar o artigo com nomes. Para isso é que ha esta secção de correspondencia. Eis quatro nomes de humoristas bem modernos: La Fouchardière, Maurice Dahl, Max e Alex Fisher.—D.

MARGARIDA.—Um ltero proprio para dar de presente a uma menina de 12 anos? Le Roman des Quatre, Escrito em forma de cartas por Paul Bourget, Gerard d'Houville, Pierre Benoit e Henri Duvernois, tem litteratura e interesse.—D.

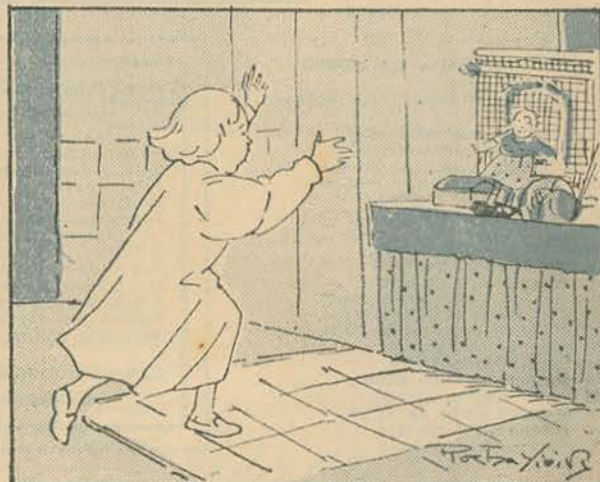
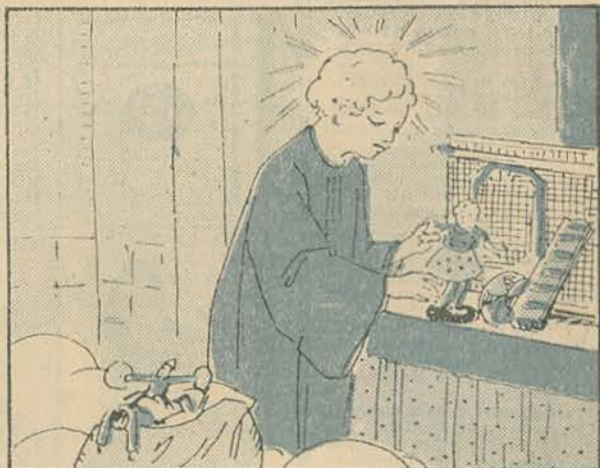
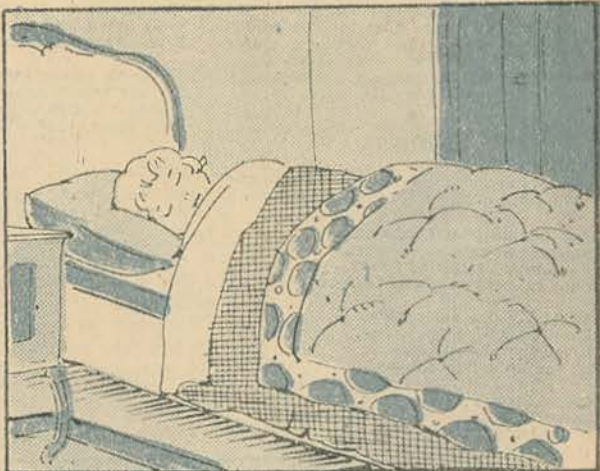
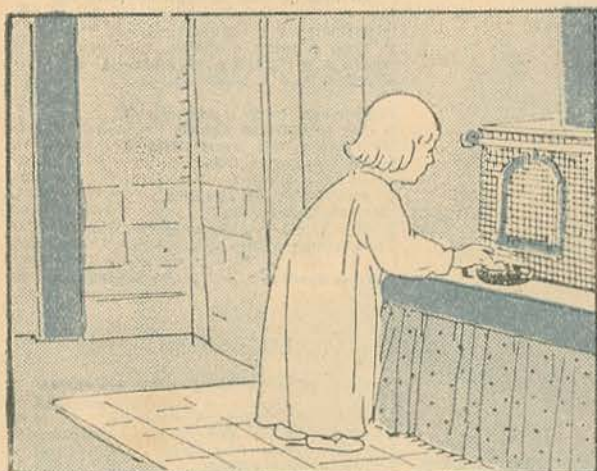
nente de marinha e capitão dos portos de Mossamedes, sr. Afonso José Vilela.—Grosso volume em que o assunto enunciado é larga e proficientemente tratado e que elucidativas estatísticas e magnificas gravuras ainda mais valorizam.

Geologia e Riqueza Mineira de Angola, por José Bacelar Beblano, engenheiro chefe do serviço de minas da referida provincia, e *Notas sobre a geologia e paleontologia de Angola* (Loanda-Cacuaco e Ambrizete) pelo professor Ernest Fleury.—Trata-se, tambem, de um valioso trabalho ou, antes, de dois valiosos trabalhos, esclarecidos por copiosas gravuras, mapas estatísticos e outros e acompanhado, em separata, por uma carta-croquis geologica da província em questão.

Boletim do Ministerio da Agricultura, publicado pela Direcção Geral da Instrução Agricola, N.º 7, 8 e 9 do ano V, publicados a janeiro a março de 1923.



SONHO... REALISADO.





ESFINGIA



CHARADAS EM VERSO

Tirando do meu gabão,—
Porque estava muito frio,
Cana e linha, fui à pesca.
Do belo peixe do rio.

Gosto muito do batráquio—
Que faz um grande barulho,
Vi muitos e quiz pilha-los
Mas safaram-se em mergulho.

A tarde, farto de peixe,
Que apanhei em profusão.
Com quem m'o queria tirar
Tive enorme alteração.—2

Ha gente muito invejosa,
Do que tem o semelhante,
Gente má, sem consciencia,
Sem valor, mas intrigante.

Beja

Sor-Ver

Por hoje, nada mais; basta
A retorica está vasta,
E o tempo é mui precioso.
Concluindo, com respeito,
Quero dar-vos no conceito,
Um jogo mui primoroso.

Adriano

Decifrações das produções publicadas no numero transacto:

Enigmas: Eolo—Bareta—Veadro.
Charadas em verso: Rosaria—Cortez.
Enigma pitoresco: Dos presos a maior pena é o remorso.
Charadas em frase: Homero—Pero Negro.
Logogrifo: José Pedro do Carmo.

ENIGMAS

(Em retribuição a todos os colegas que me tem dedicado os seus trabalhos)

Aos pés do bom Cristo amado,
Sua côma espessa, d'ouro,
Em ondas, scintilla, freme,
Com luses, mil, d'um tesouro

A Magdalena em extase,
Contemplava o Nazareno,
E redime seu passado
A' luz do olhar sereno.

Cristo, melgo, sorridente,
Disse então: vé se me alcanças.
Do enigma que medito,
O conceito: *das tuas tranças*

As tranças dos teus cabelos,
D'ouro virgem, ondeantes—
Sexta letra, quarta e nona,
Peixe de espigas brilhantes.

A terceira e nona, juntas,
São a nota fulgurante
Dos teus labios tão divinos,
Que pedem a cada instante

O perdão de culpas idas...
Segunda e setima, enfim,
Mais prima, barco que foi
Por esses mares sem fim.

A quinta e setima letras
Do conceito que te impuz,
Formam nota musical
Que me encanta e me seduz

A oitava e quarta, juntas,
Com setima a terminar,
E' caminho percorrido,
Antes de na cruz findar.

Eis completo o meu enigma,
Composto de nove elos,
E que juntos, todos, formam
As ondas dos teus cabelos.

Catita

CHARADA EM VERSO

(A todos os colegas d'A Esfingia)

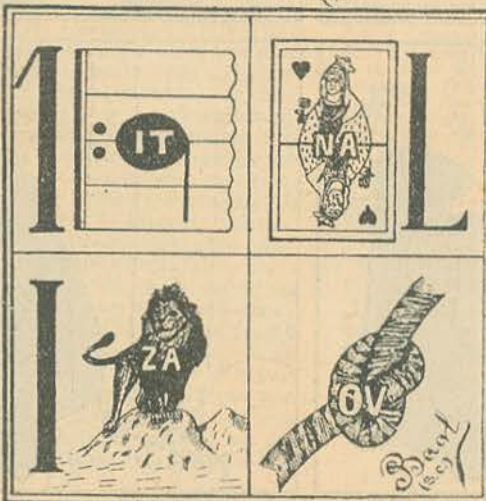
Eu imploro aos camaradas,
Colegas meus, nas charadas,
P'la minha ausencia, perdão;
Só tenho pena que as musas—1.
Se façam assim escusas,
A' minha inspiração.

Mas agora, volto à lide,
A que Zepêdro preside,
Rem disposto, p'ra lutar;
Tomem nota, não vão crêr—1.
Que eu tenha grande saber,
P'ra algum premio disputar!...

De mui novo colabôro,
N'este desporto que adoro,
E muito risonho abraço;
E se agora entro na briga,
E' porque a ele me liga,
Um indissolúvel laço—1.

ENIGMA PITORESCO

11. *Wool in cage*



QUADRO DE HONRA

Cupido—Alho Rubro—Zarita
—Lucia Lima—Pau—Dr. Esse-
jê—S. r. Var—Feidrio—E. pe-
ras—Pangim—Dois Iricos—Do
16—Dama Oculta—Luz do Mar
—Serrot—Marques e Aurelio
C. Sillet—Tiduj—Romeu e
Julietta—Gira Girão—Seugir-
dor—Club do Silencio—Val-
verde Junior—Spencer—Capote
& Lenço—Sant'Ana—Um por-
tuens—M. I. Ferreira—Quatro
Azes—Tia Aldina.

Campeões decifradores do pe-
nultimo numero

(Ao meu presad amigo «Orietnom»)

A primeira é a segunda,—1
E visto d'outra maneira,
Sendo a primeira a segunda,—1
A segunda é a primeira.—1

Pega n'um livro e observa—1
O que te convém achar,
Na certeza, que mais nada—1
Sobre isto posso falar...

A decifração, em tempos,
Exerceu soberania,
E muita gente inda crê,
Vê-a resurgir um dia...

Entrancamento *Julio Rodrigues*

LOGOGRIFO

(A todos os colaboradores da «Esfingia»)

Após a sua doença,—2-5-3-6.
Antes do decimo dia,—0-12-1-8.
Uma jovem que não pensa...7-10-11-4.
Pensou esta fantasia:

N'um logogrifo, dispersos,
Tres conceitos parciais,
Com algarismos diversos,
Em duas quadras, não mais.

Zepêdro

(Sobre o impressionante soneto «As pe-
dras» do infeliz poeta Mário Meneses)

As pedras mudas bão de então falar —
—30-7-18-24-12.
Hão-de dizer ás gerações futuras—8-5
—29-25-31-14-3.
Como eu vivi dormindo em pedras du-
ras,—12-15-10-31-2-22-16-5.
Por não ter lido, por não ter um lar.
—9-24-13-3-28.

As pedras também sabem o que é amar;
11-27-22-19-32-25-10-14-31.
Na terra fria a gente tem ternuras—
3-26-30-11-32-36.
E' um noivado semto de amarguras—
34-13-3-11-6-17-19-24-33-29-7-4.
A pedra não nos pode atraíloar.—19—
5-11-21-32.

Então todo o mundo terá de ouvir—8
—20-19-25-11-35-32-22.
Como as ermas pedras dos caminhos—
1-26-31-7-16-14-21.
Poderam minha dor de amor sentir—
23-28-10.

Pedras amigas! Leito do vadio
Lembra! reconhecidas meus carinhos,
Quando vos aqueci morto de frio!

Porto

Dr. Essejê

Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas
na *Ilustração Portuguesa* as decifrações
das produções inseridas neste numero
—Toda a correspondencia relativa a
esta secção deve ser enviada ao Sé-
culo e endereçada a José Pedro do
Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o
direito de não publicar produções que
julgue imperfeitas.

PERFUMARIA "ELITE"



João Batista da Costa

O LARGO do Calhariz tem-se desenvolvido comercialmente n'estes ultimos mezes de maneira tal, que, é hoje sem contestação uma arteria chic.

Para prova d'esta nossa afirmação apresentamos duas fotografias d'um lindo estabelecimento que se inaugurou recentemente nos baixos d'um soberbo edificio, o Paço Azambuja.

Cravada em tão aristocratica propriedade, toda branca, toda oiro, toda cristaes refulgentes,

artigos para completar a serie Gabriela: brilhantina, creme e rouge.

Aconselhamos aos nossos estimaveis leitores a preferir esta linda perfumaria especialmente na presente quadra, pois que ali encontrarão os mais bonitos presentes de Natal, a preços modicos.

Uma visita ao estabelecimento de perfumarias do Largo do Calhariz, n.º 18 (telefone 1148 C.) impõe-se ao apreciador d'um bom produto de toilette.

a Perfumaria «Elite» veiu dar ao sítio uma grande nota de elegancia e distincção.

São seus proprietarios a firma J. Costa, Limitada, e seu socio gerente o nosso amigo sr. João Baptista da Costa, um dos mais antigos perfumistas da nossa terra.

Na perfumaria «Elite» encontrarão os nossos leitores inumeros artigos d'beleza; perfumes dos melhores fabricantes estrangeiros; dentifricios, pós d'arroz; loções; aguas de colonia; brilhantinas; cosmeticos; tinturas para cabelo, e cremes para a cara.

Artigos d' caracterisação como: rouges; crayons para olhos; crayons para labios; vinagre de rouges; aguas para branquear o rosto ou braços; esmaltes pós ou pastas para unhas.

Utensilios para barbear, bijouterias e artigos para brindes, etc., etc.

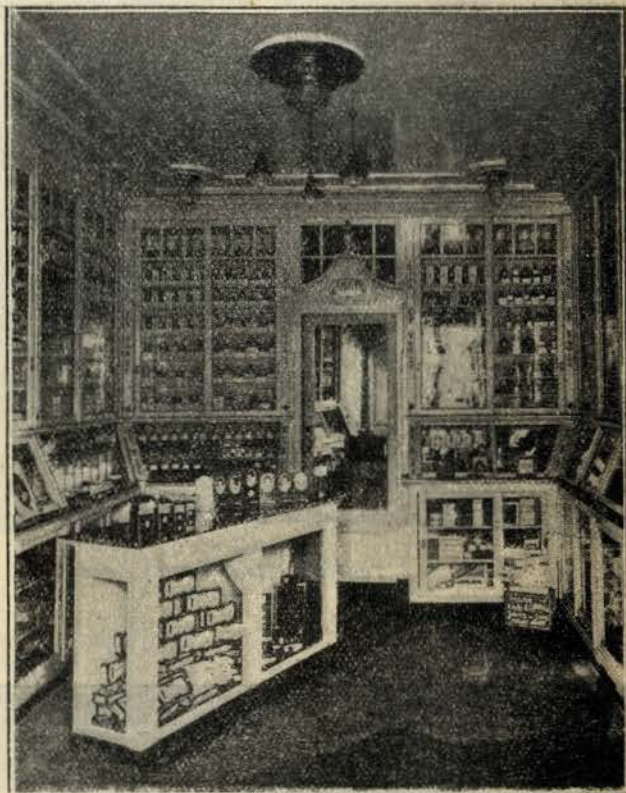
Da enorme variedade de especialidades de seu fabrico e que ven' em em embalagens proprias para presentes, destacaremos as interessantes series «Elite» ou «Dos Beijos Teus» que constam de: pós d'arroz; loção, essencia e agua de colonia.

Dos inumeros artigos que vendem a peso tem tido enorme sucesso a serie Gabriela.

O pó d'arroz Gabriela é tão aderente que substitue com absoluta vantagem o conhecido pó «Doçina».

O perfume Gabriela é de elevada concentração e o esmalte Gabriela satisfaz ao maior exigente.

Estes nossos amigos teem em preparação os seguintes



Um aspecto interior da Perfumaria Elite



A fachada do elegante estabelecimento

A industria dos Tapetes de Beiriz

“A fabrica dos Tapetes de Beiriz é uma rapida vitoria, na arena do trabalho e do bom gosto artistico. Iniciativas des'as honram a raça portugueza... diz-nos o illustre brasileiro Ex.^{mo} Sr. Cincinato Braga, quando da sua visita áquella fabrica, e efectivamente a magnifica exposição destes lindos tapetes que tivemos o prazer de apreciar ultimamente na Sociedade Nacional de Belas Artes, confirma nos a opinião, bem justa, daquelle illustre brasileiro. Perante tão belos modelos, hesitamos em decidir qual a mais funda impressão deixada em nosso espirito, se a alta concepção artistica que preside ao fabrico, se a perfeitissima execução técnica que nos é dado observar.

Ao Ex.^{mo} Sr. Carlos Miranda e sua Ex.^{ma} esposa D. Hilda Brandão Miranda, cabe a gloria de uma tão bella criação. A Fabrica de Beiriz era inda ha 4 anos uma pequena officina de 6 operarias trabalhando, sob a distinta gerencia de D. Hilda Brandão, hoje ocupa o primeiro logar entre as industrias nacionaes; a officina transformou-se numa fabrica, onde trabalham atualmente cerca de 300 operarias. Desde as pequenitas até ás velhinhas, todas ali encontram trabalho e aconchego. A par da



D. Hilda Brandão de Miranda

sua industria artistica, a fabrica é essencialmente benéficente, nisto residindo o seu principal desempenho. Escutar os pobresinhos de Beiriz, a doce gratidão que os anima, para quem a fabrica é o pão nosso de cada dia, e o socego do lar, é ouvir os bemdizer esta obra. E os tapetes que diariamente saem das humildes mãos das tecedeiras de Beiriz, correm já o estrangeiro, ganham a medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro, na Exposição das Caldas da Rainha juntamente com o Premio de Honra, afirmando assim, aqui e lá fóra, quanto pode o esforço da raça portugueza, que tantos julgam adormecido, mas que felizmente, nos dá mostras da sua existencia em iniciativas como esta. Os tapetes de Beiriz, correm o Brasil, mas não só ahi; a Inglaterra, a França, e até mesmo a Belgica conhecem-nos e apreciam-nos.

A lã portugueza, a verdadeira lã da serra, tingida em Beiriz, e com a qual são fabricados os tapetes, é macia, aveludada, confortavel e... é nossa. Nossa a Industria e nossa a materia prima: quão grato nos é repetir estas expressões, e como os pobresinhos de Beiriz bendizemos os creadores desta linda industria nacional.

E como ouvimos dizer a alguém, que pela primeira vez visitou aquella aben-



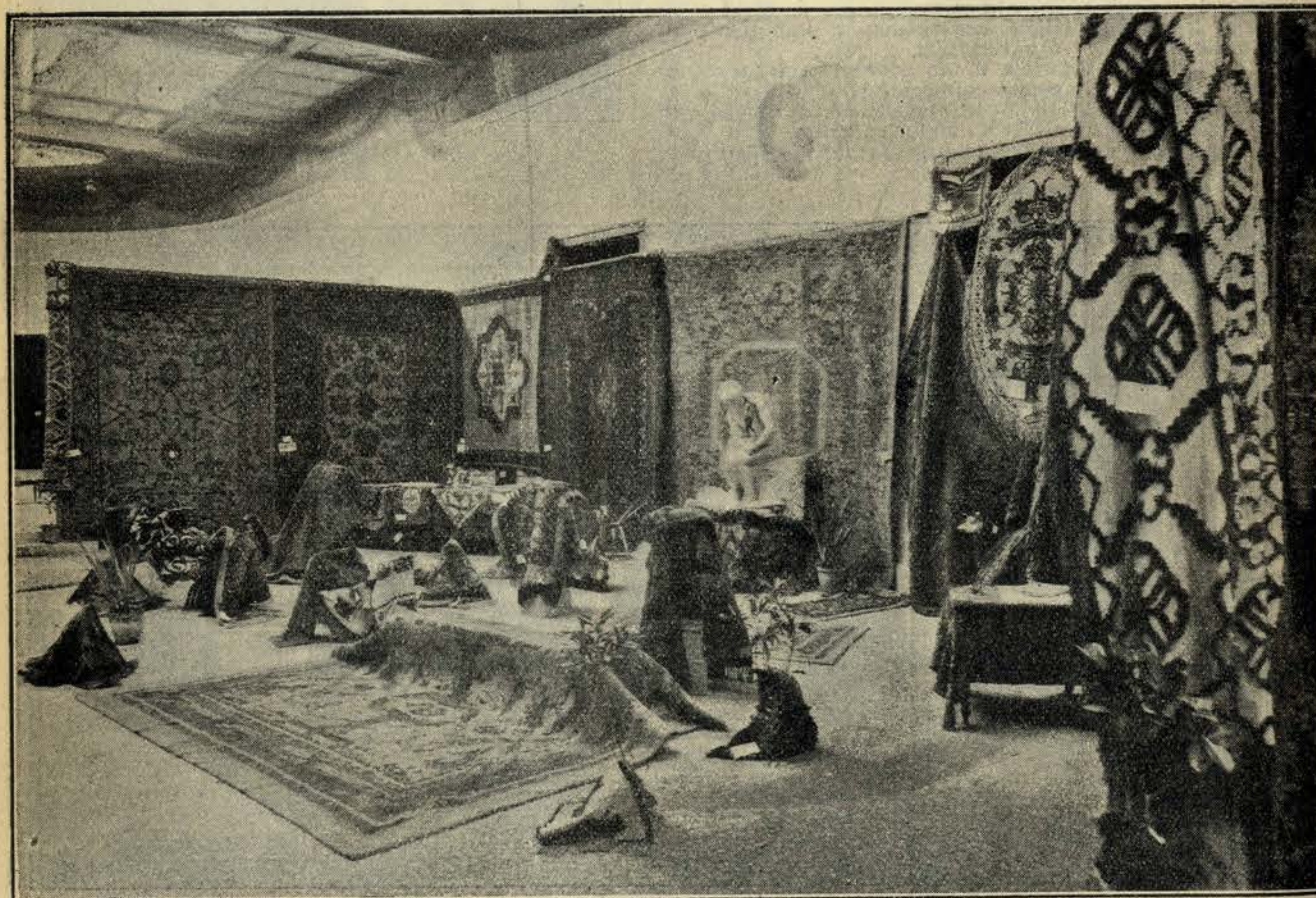
Carlos de Miranda



Tapete D. João V, copia dos azulejos de Mafra

çoada aldeasinha do Norte, nós repetimos: «Quem quizer ser feliz venha aqui para Beiriz.»

A' Ex.^{ma} Sr.^a D. Hilda Brandão e o seu esposo, o Ex.^{mo} Sr. Carlos Miranda os mais ardentes votos pela continuação e desenvolvimento da sua obra, e sinceras felicitações pelo extraordinario exito dos seus tapetes, dos seus artisticos tapetes, mixto de cofnorto e de côr.



Dois aspectos da artistica exposição de tapetes de Beiriz



sede da Sociedade Nacional de Belas Artes

Banco de Portugal

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL 13:500.000\$00

SÉDE EM LISBOA — RUA DO COMERCIO, 148
CAIXA FILIAL NO PORTO

Agencias em todas as capitais dos distritos administrativos do Continente e Ilhas dos Açores e Madeira, bem como na Covilhã, Figueira da Foz, Guimarães, Lamego e Setubal, e Correspondencias Privativas em Elvas, Extremos, Loulé, Olhão e Vila Nova de Portimão.

Correspondentes nas principais cidades de Lisboa e mais importantes praças da Europa e Brasil

Operações: Descontos, transferencias, empréstimos e creditos em conta corrente. Compra e venda de cambiaes, cartas de credito sobre praças estrangeiras, depositos de dinheiros e valores, e todas as transacções que pela natureza especial da sua instituição lhe são permitidas.

Capital auctorisado:
Esc. 100:000.000\$00
Capital realisado:
Esc. 20:000.000\$00

Sucursaes em S. Tomé,
S. Vicente de Cabo
Verde, Luanda, Ben-
guela, Mossamedes,
Lourenço Marques,
Inhambane, Mo-
çambique, etc.

FILIAL no Funchal
Correspondentes
no Porto:
P. NTO & LOT O MAYOR
Corresponden-
tes no Brasil:
Banco
Portuguez
do Brasil

BANCO COLONIAL PORTUGUEZ

TELE-
GRAMAS:
PROCOLONIA
TELEFONES
Direção 3640-C.
Gerencia 3641-C.
Expediente 3643 C.

SÉDE
RUA AUREA, 155 a 191
LISBOA

Correspondent s.
em todas as localida-
des do Continente, Ilh. s e em
todas as praças estrangeiras.

Efectua todas as operações bancarias: des-
contos, transferencias, depositos a prazo e a
prazo em moeda nacional e estrangeira, con-
tas correntes, compra e venda de cambiaes e
de moedas e notas estrangeiras, pagamentos
por ordens telegraficas e por correspondencia,
cartas de credito, ordens de caixa no Paiz e
no Estrangeiro, compra e cobrança de cou-
pons, empréstimos caucionados, transacções
sobre mercadorias, etc. ect.

**Banco Portuguez
E
Brasileiro**
LISBOA

FUNDADO EM 1891

TELEFONES C. Expediente: 53 } tel. Brasileiro
Direção: 4308 }
Codigos A. B. C. 4.ª e 5.ª edição RIBBING
Capital.. Esc. 10.000.000\$00
Reservas Esc. 10:400.000\$00
Filial no PORTO
P. ALMEIDA GARRETT

Agentes em todo o paiz

Correspondentes nas principaes praças
do mundo

Depositos á ordem e a prazo em moedas
portuguezas e estrangeiras
Compra e venda de cambios, carta de cre-
dito directas e circulares sobre todos
os paizes

Operações bancarias em todo o genero